

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
2 e 17 de julho de 2025  
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

## BRITISH AGENT / 1934

*Um filme de Michael Curtiz*

*Argumento:* Laird Doyle, baseado no livro *Memoirs of a British Agent* (1932), de R. H. Bruce Lockart / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Ernest Haller / *Cenários:* Anton Grot / *Figurinos:* Orr-Kelly (vestuário feminino) / *Música:* Bernhard Kaun, Heinz Roemheld / *Montagem:* Thomas Richards / *Som:* Charles David Forrest / *Interpretação:* Leslie Howard (*Stephen Locke*), Kay Francis (*Elena Moura*), William Gargan (*Bob Medill*), Philip Reed (*Gaston LeFarge*), Irving Pichel (*Sergei Pavlov*), Cesar Romero (*Tito del Val*), Ivan Simpson (*Pohhbah Evans*), Halliwell Hobbes (*Walter Carrister*), J. Carroll Nash (*Trotsky*), Tenen Holtz (*Lenine*), George Pearce (*Lloyd George*) e outros.

*Produção:* First National Pictures / *Cópia:* da Biblioteca do Congresso (Washington), 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 81 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 15 de Setembro de 1934 / *Inédito comercialmente em Portugal; primeira apresentação na Cinemateca.*

A sessão de dia 2 de julho tem lugar na Esplanada

\*\*\*\*\*

*Who is that Lenin everybody is speaking about?*  
Greta Garbo a Sergei Mikhailovitch Eisenstein,  
num cocktail em Hollywood em 1930,  
citado por Marie Seton na sua biografia  
sobre o realizador

Contrariamente ao que se poderia esperar (e contrariamente ao que se passa em filmes como **Volga's Boatman**, **Knight Without Armour** e **Reds**) **British Agent** dá mais relevo às questões políticas ligadas à Revolução de Outubro e à Primeira Guerra Mundial do que às aventuras sentimentais dos seus protagonistas. E contrariamente ao que se poderia supor, o filme de Michael Curtiz não saiu da fértil imaginação de algum argumentista de Hollywood, mas adapta um livro baseado na narrativa autobiográfica do diplomata britânico R. H. Bruce Lockhart, que serviu como vice-cônsul em Moscovo entre 1912 e o começo de 1917. Mas em Janeiro de 1918, pouco depois da vitória dos comunistas, ele foi reenviado para Moscovo, onde além de trabalhar para o serviço diplomático, como primeiro representante britânico junto aos bolcheviques, trabalhava para os serviços de espionagem. Tornou-se amante da viúva de um general, que tinha o mesmo nome do personagem de Kay Francis no filme. Em 1918, foi acusado de tentar assassinar Lenine e feito prisioneiro no Kremlin, mas acabou por ser solto numa troca de espões entre a Grã-Bretanha e a União Soviética. Lockhart continuou a sua dupla carreira de diplomata e espião e escreveu cerca de vinte livros. O primeiro, *Memoirs of a British Agent*, publicado em 1932 teve enorme êxito, o que se refletiu na sua adaptação imediata para o cinema pelo cineasta mais paupara-toda-a-obra que se possa imaginar, Michael Curtiz, produzido pela First National Pictures, que era controlada pela Warner Brothers. A censura britânica fez várias restrições ao argumento, de natureza política e por isto foi acentuado o aspecto romanesco da história (por exemplo, a mulher passou a ser secretária de Lenine), sem anular no entanto a dimensão política do filme, que é a mais importante, de modo surpreendente para uma produção americana que não é de propaganda.

**British Agent** é nada menos do que o centésimo décimo-segundo filme de Michael Curtiz (ele ainda realizaria outros sessenta e poucos antes de morrer em 1962), que se instalara em Hollywood em 1926, depois de ter feito cerca de setenta e cinco filmes desde 1912, na Hungria e na Áustria. Mas apesar do fenómeno cinematográfico que é **Casablanca** e apesar de Curtiz ter realizado diversos filmes famosos e amados (**The Adventures of Robin Hood**, **Mildred Pierce**, **Passage to Marseille**, **Flamingo Road**, **The Breaking Point**) o seu nome nunca suscitou a mesma admiração que outros cineastas ultra fecundos, como Allan Dwan. Curtiz parece ser mesmo o homem de filmes isolados mais do que de uma obra, ainda que dispersa e irregular. Fez toda a sua carreira americana na Warner Bros, que não fazia parte dos estúdios mais ricos e que nos anos 30 especializou-se em “filmes sociais”, que refletiam as duras condições sociais dos

tempos da Grande Depressão (note-se que no genérico de **British Agent** o nome de Curtiz aparece antes do dos atores). Os filmes da Warner eram produções relativamente modestas, que exigiam o máximo dos seus técnicos para que não parecessem pobres e neste aspecto Curtiz e os seus colaboradores, como o cenógrafo Anton Grot, foram verdadeiros mestres.

Mais de setenta anos depois de realizado, apesar de todas as revisões críticas e do prestígio intacto de diversos filmes da fase americana de Curtiz (a sua fase europeia permanece pouco vista) **British Agent** continua a ser um título bastante obscuro na sua obra e alguns livros sobre o realizador nem sequer o mencionam no corpo do seu texto central, ao passo que outros, como o de James C. Robertson, são da opinião de que “*por uma vez, a realização de Curtiz é frouxa*”. Uma nota publicada à época em *Photoplay* diz que “*o espectador deste filme bem executado tem a sensação de estar mergulhado na História enquanto esta se faz. O filme prende a atenção até ao último momento, embora isto seja mitigado por um desenlace ilógico. Mas isto não deve impedir o espectador de ver o filme. (...) Realização e fotografia magistrais*”. Quando se observa o filme, não se pode dizer, como James Robertson, que o trabalho do realizador tenha sido indiferente ou “*frouxo*”, embora **British Agent** não ostente a tensão narrativa permanente que caracteriza o bom cinema americano clássico, apogeu da narratividade no cinema. Quanto ao aspecto “*ilógico*” do desenlace, é na verdade perfeitamente lógico dentro do sistema hollywoodiano, que exigia um *happy ending*; além disso, a mulher consegue o pequeno prodígio de trair os projetos políticos do homem, mas conservar o amor dele, o que torna um tanto tortuoso este desenlace feliz, digno de um melodrama. O que pode dificultar a adesão plena do espectador ao filme é a escolha dos atores principais, o que, inevitável e evidentemente, tem incidência sobre a presença e o impacto dos personagens que representam. Se Leslie Howard é perfeito para traduzir o ar pomposo e emproado dos ingleses (de cinema), trata-se também de um dos atores mais assexuados de sempre, o que torna pouco convincente o seu romance um tanto clandestino com uma senhora russa ou de qualquer outro país (César Romero, que está no elenco, nunca seria convincente como diplomata inglês, contrariamente a Howard, mas é tão mais divertido!). Quanto a Kay Francis, é uma atriz de um prosaísmo e uma chateza absolutos, desprovida do menor mistério sexual, da menor capacidade de sedução. No entanto, este prosaísmo da atriz principal (e única mulher importante do filme) também beneficia a narrativa, posto que nesta a relação pessoal dos protagonistas tem menos importância do que a sua ação política. A propósito de política, note-se que o filme não contém nenhuma propaganda anticomunista; a ação secreta do protagonista destina-se a impedir que a União Soviética assine uma paz separada com a Alemanha, o que disponibilizaria um grande número de soldados alemães para lutarem contra a França e a Grã-Bretanha (Lenine era favorável a um acordo de paz separado, para “*salvar a revolução*”). Quanto aos acontecimentos da revolução propriamente ditos, a dada altura é dito que “*o czar foi assassinado*”, mas não se volta a falar no assunto. Por sinal, do ponto de vista político, **British Agent** é um filme britânico e não americano, todo o ponto de vista político expresso é britânico e são os interesses britânicos que estão em jogo. A Revolução Bolchevique não é mostrada como um acontecimento bárbaro, apesar da violência, mas como um acontecimento histórico inserido no âmbito de outro mais vasto, a Primeira Guerra Mundial. Há no filme autênticas figuras da revolução, como Trotsky e Lenine, embora o primeiro não seja nomeado e o segundo só o seja depois do atentado contra a sua pessoa. Salvo erro, esta tentativa de atentado nunca teve lugar na realidade e é pouco provável que suscitasse uma anistia geral, como no filme, antes pelo contrário... Do ponto de vista da *mise en scène*, **British Agent** ilustra o aspecto claustrofóbico que caracteriza alguns dos filmes mais reputados de Curtiz (**Casablanca** não faz exceção, mesmo nas ruelas do *souk* temos a sensação de estar fechados). Este aspecto vem certamente do facto de Curtiz filmar quase exclusivamente em estúdio, usando raramente cenários naturais, sem nunca mostrar o céu, o que se coaduna muito bem com o aspecto conspiratório, secreto, cheio de dissimulações, das tramas narrativas de alguns dos seus filmes. Aqui, o que falta em agilidade na ação é compensado pela densidade suscitada pelo aspecto claustrofóbico dos espaços, que resulta em algumas cenas absolutamente magníficas, como o baile na embaixada interrompido a pedradas e a tiros, antes do palacete ser invadido. Os assustados convidados ficam ilesos e ao se retirar o comissário comunista diz-lhes: “*Podem voltar a dançar. Se tiverem ânimo*”.

Antonio Rodrigues